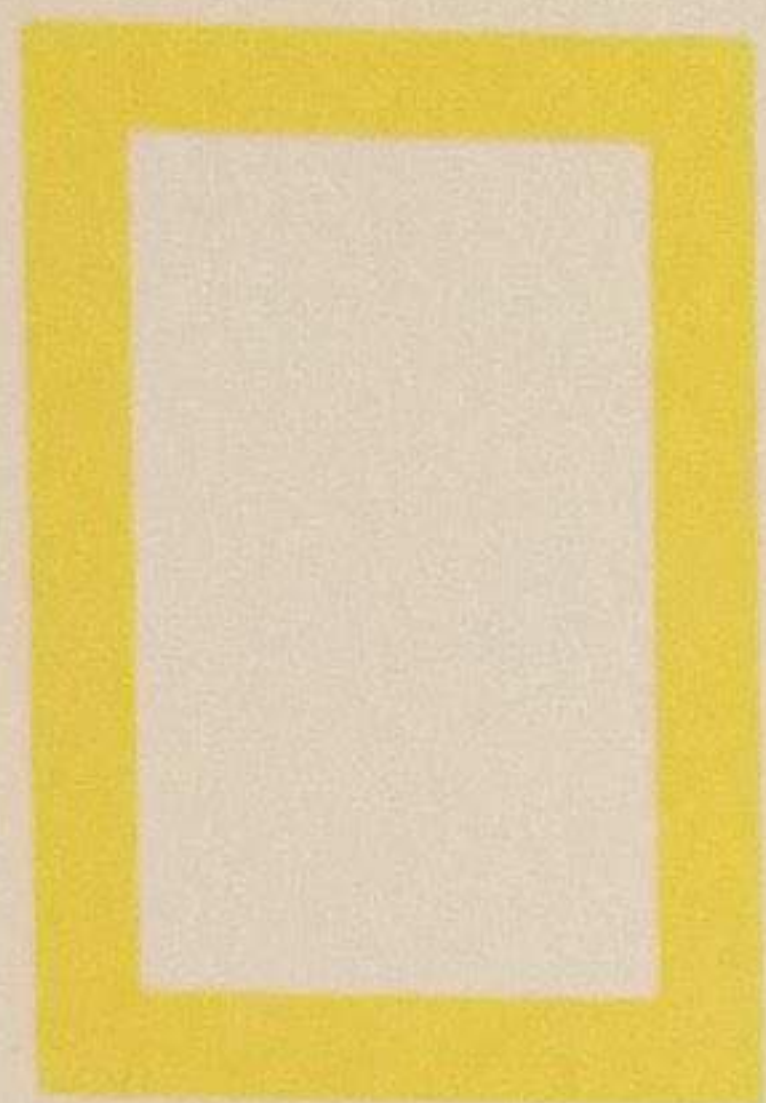


• EDIÇÃO ESPECIAL •



NATIONAL  
GEOGRAPHIC

# Cães E Gatos

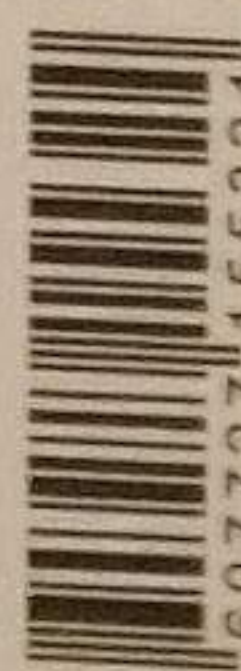
Celebração  
dos nossos  
melhores  
amigos

A mente  
do seu  
animal de  
estimação

A evolução  
dos cães  
e dos gatos

Nº 2 7,95€ PVP (CONTINENTE)

0.000.2



5 607727 155324



# Em todos os cantos

*Texto de Gonçalo Pereira Rosa*

**A TELHA ESTÁ A SECAR. MANTÉM AINDA A MALEABILIDADE DA ARGILA MOLHADA.** Um instante de distração do oleiro e *zás!* A pata de um cão ou de um gato fica para sempre gravada, como um inesperado vislumbre da Antiguidade preservado durante séculos. O exemplo desta página (em baixo, à direita), recuperado nas escavações da antiga cidade romana de Ammaia, perto de Marvão, é apenas um entre muitos que se conhecem em Portugal. Em Mértola, existem igualmente vários exemplos de *tegulae*, utilizadas como tampas de sepulturas, e que se estendem também ao período islâmico. Noutras cidades romanas, são igualmente conhecidas.

Como é natural, os romanos tinham a mesma paixão pelos seus animais domésticos que qualquer outra civilização, embora os seus gostos não duplicassem necessariamente os nossos. Há indícios de que os gatos, tão populares na civilização egípcia, não colhiam os mesmos favores no império romano. Poucos mosaicos reflectem os felinos domésticos (há um exemplo na Casa dos Faunos, em Pompeia). Plínio, o *Velho*, menciona-os de passagem como método eficaz para livrar as casas dos ratos. Plutarco, com mais tolerância, admite que, no século I d.C., eles já se tinham tornado comuns como animal de companhia, juntamente com... a fuinha.

O cão, em compensação, gozava de outro estatuto. Figura com proeminência na arte romana. Na Casa dos Repuxos de Conímbriga, dois mosaicos representam cães de diferentes pelagens e formas cranianas. Nas escavações de Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde), apareceram seis lucernas – entre as 20 mil da colecção que hoje constitui o acervo do Museu da Lucerna de Castro Verde – com o cão como tema, por vezes associado a lebres num imaginário de caça que não custa a imaginar como tema de promessas deixadas a arder num santuário religioso, e por vezes figurando isoladamente como no exemplo desta página (em cima, à direita). Surgiram materiais semelhantes na Mauritânia, em Cartago, em Vindonissa e, mais perto, nas imediações de Sevilha e Vila Viçosa.

Num artigo publicado no ano passado na revista *Quaternary International*, Ana Elisabete Pires (do Laboratório de Arqueociências da DGPC e CIBIO-InBIO) e mais nove colegas concluíram que, no império romano, já existiam significativas divergências entre cães ao nível das dimensões, da pelagem e de formas bem divergentes – tal como as raças definidas no século XIX procuraram acentuar. Usando dados morfológicos, arqueológicos e paleogenéticos, concluíram que, à excepção da modernidade, mais nenhum período da história peninsular e do Norte de África registou a mesma cadência de selecção e apuramento de cães como no período romano, incluindo os cães de colo.